

**A NARRATIVA
JORNALÍSTICA COMO
FORMA DE APREENSÃO
DO REAL: uma análise da
reportagem especial
Últimos desejos, do jornal
Zero Hora**

JOURNALISTIC NARRATIVE AS A
WAY OF REAL-WORLD
APPROPRIATION: an analysis of
the special article *Últimos
Desejos*, in Zero Hora newspaper

LA NARRATIVA PERIODÍSTICA
COMO MANERA DE
APREHENSIÓN DEL REAL: un
análisis del reportaje
especial *Últimos deseos*, del
periódico Zero Hora

Cristiane Lindemann^{1, 2}

RESUMO

Este artigo explora a narrativa jornalística para além da modalidade textual ou dos gêneros jornalísticos, considerando-a como uma forma de apreensão do mundo capaz de dar sentido a ele (LEAL, 2013). Por meio de uma análise pragmática (MOTTA, 2013), desvendamos as estratégias argumentativas utilizadas na reportagem especial intitulada *Últimos desejos*, publicada no jornal Zero Hora em julho de 2015. Dos resultados, inferimos que a jornalista

¹ Doutora e mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz (UNISC). Pesquisadora no Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: cristiane.lindemann@yahoo.com.br.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade de Santa Cruz do Sul. UNISC - Campus Universitário, CEP: 96815-900, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n3p261>

Larissa Rosso utilizou duas vertentes de construção narrativa: uma mais objetiva, voltada para o real, relacionada ao tempo da história, aos locais onde se passam e aos personagens envolvidos, reforçando a veracidade dos fatos; outra mais subjetiva, dotada de recursos literários, orientando o leitor em sua atividade de interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; narrativas; estratégias argumentativas; efeitos de real; efeitos estéticos.

ABSTRACT

This article explores the journalistic narrative beyond textual modality and journalistic genre, considering it as a way of real-world appropriation, capable of giving a meaning to it (LEAL, 2013). Through a pragmatic analysis (MOTTA, 2013), we discover the argumentative strategies used in the special article entitled *Últimos Desejos*, published in Zero Hora newspaper in July, 2015. From results, we can understand that the journalist Larissa Rosso used two narrative construction approaches: one more objective, reality-oriented, related to history time, places where it happens and characters involved in it, reinforcing facts veracity; and the other more subjective, with literary resources, guiding the reader in his/her interpretation activity.

KEYWORDS: journalism; narratives; argumentative strategies; real-world effects; aesthetic effects.

RESUMEN

Este artículo se utiliza de la narrativa periodística más allá de la modalidad textual o géneros periodísticos, considerándola como una manera de aprehensión del mundo capaz de darle sentido (LEAL, 2013). A través de un análisis pragmático (MOTTA, 2013), desvelamos las estrategias de argumentación utilizadas en el reportaje especial titulado *Últimos deseos*, publicado en el periódico Zero Hora en julio de 2015. De los resultados, inferimos que la periodista Larissa Rosso utiliza dos áreas de construcción



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 3, Maio. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

narrativa: una más objetiva, centrada en el real, relacionada con el tiempo de la historia, los lugares donde pasan y los personajes involucrados, reforzando la veracidad de los hechos; otra más subjetiva y con recursos literarios, conduciendo el lector en su actividad de interpretación.

PALABRAS CLAVE: periodismo; narrativas; estrategias argumentativas; efectos del real; efectos estéticos.

Recebido em: 24.02.2017. Aceito em: 20.04.2017. Publicado em: 01.05.2017.

Jornalismo e narrativa: formas de apreender o mundo

Transformar acontecimentos em conteúdo noticioso³ é missão diária dos jornalistas. Conforme Traquina (2007), mais que meros relatos, trata-se de um trabalho de construção, no qual linguagem e narrativa determinam os significados. Seguindo o paradigma construcionista, emergente a partir dos anos 70, nossa visão no presente trabalho recai sobre a teoria interacionista⁴, compreendendo o processo – desde a coleta de informações até a publicação – como construção social, resultante das relações entre jornalistas e fontes, bem como entre jornalistas e organizações e entre os próprios pares. Tal perspectiva rejeita uma visão instrumentalista do fazer jornalístico. Assim, apesar das técnicas que regem a prática do jornalismo diário, em especial, e que visam, sobretudo, a objetividade – como as entrevistas, a presença do repórter no local dos fatos para checar informações e a redação a partir da técnica da pirâmide invertida⁵ –, os textos jornalísticos são produto de relações sociais e resultam em narrativas (limitadas ou parciais) acerca do real.

O conceito de objetividade posto em voga consiste basicamente em descrever os fatos tal como aparecem; é, na realidade, abandono consciente das interpretações, ou do diálogo com a realidade, para extrair desta apenas o que se evidencia. A competência profissional passa a medir-se pelo primor da observação exata e minuciosa dos acontecimentos do dia-a-dia. No entanto, ao privilegiar aparência e reordená-las num texto, incluindo algumas e suprimindo outras, colocando estas primeiro, aquelas depois, o jornalista deixa

³ Noticioso, aqui, refere-se a algo passível de ser divulgado, publicado; não apenas à notícia enquanto formato do gênero informativo.

⁴ A teoria estruturalista também faz parte do paradigma construcionista. No entanto, ela generaliza o pressuposto de que as notícias reproduzem a ideologia dominante, desconsiderando a existência de ações jornalísticas que procurem outras versões, que “ouçam o outro lado”, que produzam reportagens investigativas ou que introduzam polifonia no discurso. Assim, torna-se insuficiente para contemplar o processo de produção jornalística.

⁵ Técnica jornalística de redação a partir da qual os acontecimentos são narrados hierarquicamente, iniciando pelo que é mais importante para, depois, relatar os pormenores – ou seja, não há uma lógica de ordem cronológica.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n3p261>

inevitavelmente interferir fatores subjetivos. A interferência da subjetividade nas escolhas e nas ordenações será tanto maior quanto mais *objetivo*, ou preso às aparências, o texto pretenda ser. (LAGE, 2001, p. 34-35)

Estas são regras que orientam, em essência, as produções do gênero informativo, em detrimento do gênero opinativo⁶, cuja função é “ler” o real, acolhendo diferentes posicionamentos e críticas acerca dos acontecimentos (COSTA, 2010; RÊGO; AMPHILO, 2010). Ou seja, os textos informativos têm a finalidade de “descrever” o real, podendo assumir os formatos de nota, notícia, reportagem e entrevista (MARQUES DE MELO, 2010). Contudo, outros gêneros mencionados por Marques de Melo (2010), também mantêm proximidade com a informação, como o utilitário ou de serviço⁷, o interpretativo⁸ e o diversional.

É no gênero diversional que se enquadra a reportagem especial analisada neste artigo. Também conhecido como jornalismo literário no Brasil, dá um tratamento diferenciado à informação, com uma narrativa que se apropria de recursos da ficção⁹ para atrair o leitor (COSTA, 2010). Divide-se em história de interesse humano e história colorida, as quais, a partir de Marques de Melo, Costa (2010) descreve do seguinte modo, respectivamente: 1) Narrativa que privilegia facetas particulares dos protagonistas, recorrendo a

⁶ O conteúdo opinativo pode apresentar os formatos de editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta (MARQUES DE MELO, 2010).

⁷ Tem como função a prestação de serviço, com o propósito principal de orientar o receptor, proporcionando-lhe uma informação útil, que ele necessita de imediato e que o ajuda a tomar decisões que podem influenciar em suas ações cotidianas. (VAZ, 2010) Dentre os formatos que pode assumir, estão: indicador, cotação, roteiro e serviço (MARQUES DE MELO, 2010)

⁸ Este gênero oscila entre o estilo informativo e opinativo, assumindo a função de aprofundar a informação, relacionando-a com seu contexto temporal e espacial, não limitando-se apenas a narrar o acontecimento, mas interpretando seus sentidos (COSTA, 2010) – sem, no entanto, emitir opinião. Dentre seus formatos, Marques de Melo (2010) cita o dossiê, o perfil, a enquete e a cronologia.

⁹ O termo, aqui, não é tomado em oposição ao real. “Ficção não é um gênero do discurso, é uma forma de expressão humana. É uma relação intersubjetiva que os indivíduos estabelecem com a realidade.” (MOTTA, 2013, p. 205)

artifícios literários e destacando traços que os humanizam; apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela verdade, sob o risco de perder a “credibilidade”; 2) Relatos de natureza impressionista, que penetram na essência dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores.

A classificação dos textos em diferentes gêneros nos indica a existência de intencionalidades e estruturas variadas de relatos jornalísticos, a partir das quais é possível narrar um mesmo acontecimento. Mais que compreender as técnicas e a linguagem empregada na narrativa selecionada para análise, queremos enxergá-la como algo complexo, pois envolve um processo relacional, e, portanto, “é um fenômeno que transcende em muito o fazer jornalístico e sua conformação textual. Narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro.” (LEAL, 2013, p. 28)

Assim, percebemos a necessidade de uma problematização acerca da narrativa que vá além da modalidade textual ou dos gêneros jornalísticos – perspectiva que apaga sua dinâmica sociocomunicativa e não dá conta da diversidade empírica dos fenômenos do campo e suas bases analíticas. (LEAL, 2013) Preceitos como “ir direto ao ponto”, escrever com precisão e de modo conciso, são regras que foram consolidados e tornaram-se hegemônicas em função de “processos econômicos e sociais que fizeram da notícia o principal “produto à venda” do jornalismo ocidental ao longo do século XX.” (LEAL, 2013, p. 26) Todavia, para além de um conjunto de técnicas e regras de composição, as narrativas jornalísticas têm princípios e procedimentos marcados por valores, características e percepções; produzem ordem e expressam um mundo fabricado – ou seja, de invenção. “Não como falseamento ou irreal, mas

invenção de mundos porque desde sempre só possíveis porque imaginados” (ANTUNES, 2013, p. 12).

Propomos, a partir deste contexto, desvendar as estratégias argumentativas utilizadas nos textos da reportagem especial intitulada *Últimos desejos*, publicada no dia 4 de julho de 2015, sábado, em zerohora.com, e no dia 5 de julho de 2015, domingo, na edição nº 18215 de Zero Hora (ZH), no Caderno Sua Vida da versão impressa. A seguir definiremos, com base em Motta (2013), as categorias metodológicas que nortearão nossa análise.

Estratégias narrativas e efeitos de sentido

As narrativas conciliam aquilo que é disperso, dão ordem ao caos, tornam a experiência humana apreensível, figurável e, portanto, acessível, inteligível. É o que fazem, diariamente, os jornalistas no exercício diário na redação; eles são, por assim dizer, receptores que narram o mundo para o público leitor / telespectador / internauta / ouvinte em diferentes formatos, conforme lhes permite o suporte. A cada história narrada, com vistas a retratar a realidade (ou parte da), o narrador “compõe intrigas”, lembrando, mencionando e articulando os fatos entre si, ou seja, agenciando-os (LEAL, 2013). Esse agenciamento, conforme o autor, inevitavelmente implica uma síntese, à medida que não são todos os aspectos dos fatos que são chamados para a história, mas aqueles considerados mais necessários e característicos. Ao mesmo tempo, toda a narrativa tem um fim, “mesmo quando ela surge como aparentemente fragmentada, incompleta e/ou inacabada, é sempre e necessariamente um todo, sintetizando, portanto, uma trajetória, uma sucessão de acontecimentos, produzindo uma história.” (LEAL, 2013, p. 34)

Esta síntese da intriga é composta por elementos temporais, funcionais e atributivos diferentes, os quais são articulados para produzir um todo, uma história completa. Podemos dizer, então, nas palavras de Leal (2013), que narrar é “imitar” a realidade, “imitar” a ação.

Ao produzir a intriga, ao agenciar fatos, a narrativa produz uma representação, uma imagem desses acontecimentos e daqueles ali presentes. No entanto, se narrar é agir, essa “imitação” é inevitavelmente criativa, pois não apenas oferece entendimentos acerca dos fatos como os articula de modo peculiar e próprio. Assim, a representação narrativa não é em momento algum espelhamento, reflexo, mas um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimentos. (LEAL, 2013, p. 35)

Ora, se a narrativa não é um reflexo do real, estamos, então, falando de narrativas possíveis, de escolhas que ocorrem durante o processo, dentro do qual Leal (2013, p. 35) vê a intriga como um elemento de interação e não mera estrutura no interior de um texto. “Afinal, como mediadora, a narrativa necessita do interlocutor, acontece e age sobre ele, de modo a envolvê-lo e gerar experiência e sentidos.” Daí, depreende o autor, a intriga é apreendida por alguém que dá vida à composição narrativa, que atualiza o agenciamento dos fatos ali sugerido. Inferimos, assim, que a (re)construção do real não se dá apenas pelas ação do jornalista, mas depende, também, do público. Nas palavras de Valle (2013, p. 147) “o escritor estabelece um conjunto de instruções de sentido para orientar o leitor em sua atividade interpretativa” – ou seja, repórteres e leitores formam uma comunidade que controla maneira como os textos são escritos e lidos, compartilhando dos mesmos critérios.

A partir deste olhar, investigaremos as estratégias ou retóricas narrativas utilizadas no texto jornalístico – o qual, conforme já mencionamos, tem como propósito fundamental retratar a realidade, abortando criações fictícias. Contudo, em consonância com Motta (2013), entendemos que quem narra tem

sempre algum propósito – ou seja, nenhuma narrativa é ingênua; toda narrativa é argumentativa. “Quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido.” (MOTTA, 2013, p. 196). Para o autor, a narrativa funciona como um elo entre sujeitos ativos no processo de comunicação e sugere que o analista deve identificar os dispositivos retóricos que revelem o uso intencional dos recursos linguísticos e extralinguísticos pelo narrador.

Motta (2013) assinala que toda narrativa é uma mescla de efeitos de real (veracidade) e de efeitos de sentido (a comoção, a dor, a ironia, o riso, etc.). “As narrativas realistas utilizam uma linguagem referencial para vincular sempre os fatos ao mundo físico, mas criam incessantemente efeitos catárticos, como na ficção” (MOTTA, 2013, p. 196) Assim, diz ele, a retórica estimula uma espécie de jogo entre as intenções do narrador e as interpretações do receptor, no qual se estabelecem dicotomias como objetivo/subjetivo, denotativo/conotativo, descrição fática/narração metafórica.

Uma diferença importante é pontuada por Motta (2013) ao comparar o discurso narrativo ficcional e o discurso jornalístico: enquanto o primeiro deixa explícita a presença do narrador no texto, o segundo, mais objetivo, é marcado pelo distanciamento desse narrador, bem como pela força da verossimilhança e da plausibilidade. A seguir, abordaremos alguns dos recursos de linguagem que servirão de base para a análise da reportagem *Últimos desejos*, publicada em ZH. O que Motta (2013) propõe, para que o analista desvende estes recursos argumentativos, é a reconstrução dos mecanismos e das estratégias pragmáticas de construção de significados.

Efeitos de real e efeitos estéticos

Seguindo a proposta de Motta (2013), faremos uma análise pragmática da narrativa, com ênfase nos recursos argumentativos, que são divididos em “estratégias de produção de efeitos de real” e “estratégias de produção de efeitos estéticos”. A partir do texto verbal (portanto, excluiremos as imagens) visamos compreender de que modo as narrativas configuram os processos interativos entre o mundo dos textos e a experiência do público leitor.

Segundo Motta (2013, p. 199), “a estratégia textual principal do narrador realista é provocar o *efeito de real*, fazer com que os leitores e ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem *falando por si mesmos*.” (MOTTA, 2013, p. 199) Na narrativa jornalística esse efeito de real se obtém através da fixação de seu centro no *aqui e no agora*, na afirmação radical do presente (a atualidade), por meio da qual são construídas versões de neutralidade e objetividade. Para tanto, o jornalista utiliza advérbios e expressões adverbiais de tempo e de lugar, que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje e do agora (MOTTA, 2013).

Como já tecemos neste trabalho, a narrativa jornalística não é *a realidade*, mas sim parte dela ou uma representação da mesma. Porém, os jornalistas se apropriam de recursos de linguagem para torná-la factual, objetiva e verdadeira. Assim, produzem o *efeito de real*, através de estratégias de referenciação, que dão a impressão de que não há mediação, de que a objetividade é, em si mesma, um artifício argumentativo. Para ancorar a significação na realidade referente, recursos são construídos e reconstruídos pelo próprio discurso narrativo, conforme a proposta de sentido (ou projeto dramático) de quem fala e espera o consentimento do interlocutor (MOTTA,

2013). Vamos, portanto, desvelar estas operações linguísticas que tentam convencer o leitor de que o texto é uma representação do real, quais sejam: citações; identificação sistemática de lugares e de personagens; o uso de nomes próprios; a datação confere referencialidade temporal; o uso de números e estatísticas; dentre outras.

Quanto às estratégias de produção de efeitos estéticos, estas referem-se a recursos e figuras utilizadas na linguagem narrativa que levam o leitor a interpretações subjetivas.

A linguagem narrativa é por natureza dramática e sua retórica é tão ampla e rica quanto a arte em geral. Intencionalmente ou não, gera nos receptores inúmeros efeitos de sentido poéticos e simbólicos. Esses efeitos catárticos suscitam estados de espírito diversos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos, e possibilitam a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. (MOTTA, 2013, p. 203)

Assim como os efeitos de real, os efeitos de sentido estéticos, poéticos ou metafóricos “são estratégias de *indução* do receptor por meio da retórica e dos estratagemas narrativos.” (MOTTA, 2013, p. 203) Como exemplo, o autor cita a *re-subjetivação* do discurso, que pode ser identificada na reconstrução das narrativas em sequência cronológica e compreensiva, com início, meio e fim, mesmo que alguns episódios fiquem em aberto, solicitando cooperação e atualização por parte dos receptores. Assim, o leitor opera a reconfiguração narrativa, reconstruindo-a com o auxílio da memória, ligando pontos, conectando partes, tornando inteligíveis as histórias completas. O efeito poético também pode ser identificado no momento em que resgata-se o fundo moral ou metanarrativa de uma história.

A narrativa no especial *Últimos desejos*

A reportagem especial *Últimos desejos* foi publicada no jornal ZH¹⁰ no dia 4 de julho de 2015 (versão digital) e no dia 5 de julho de 2015 (versão impressa). Quem assina o texto é a jornalista Larissa Rosso; as fotografias são de Júlio Cordeiro – contudo, como já explicitamos, iremos investigar apenas o conteúdo verbal, deixando as imagens de lado, bem como outros recursos multimídia. Os profissionais acompanharam, durante um ano, a rotina do Núcleo de Cuidados Paliativos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre para descobrir o que querem, ao fim da vida, pacientes sem chance de cura. O conteúdo ocupou seis páginas na versão impressa, além de capa e contracapa (Figura 1); na versão digital (Figura 2) está disponibilizado na íntegra em um especial contendo quatro textos, os quais denominaremos T1, T2, T3 e T4, respectivamente: *O reencontro: a história de João Batista*; *O casamento: a história de Igor*; *O retorno: a história de Santa* e *O pedido: a história de Vanilda*. Há, ainda, uma seção extra intitulada *Anotações: os bastidores da reportagem*, em que a jornalista conta detalhes sobre a produção, num tom bastante pessoal. Nossa análise se atém aos textos principais da versão digital, excluindo, portanto, esta última parte.

¹⁰ A primeira edição de ZH circulou em 4 de maio de 1964. O jornal é um dos mais vendidos no país (segundo dados do Instituto Verificador de Circulação, a média diária de janeiro a julho de 2014 foi de 175 mil exemplares) e integra o principal conglomerado de comunicação do Estado – a Rede Brasil Sul de Comunicação (Grupo RBS). (FONSECA, 2008)



Figura 1: Capa e contracapa sobre reportagem *Últimos desejos*
Fonte: ZH, 05/07/2015, edição 18215



Figura 2: Capa da reportagem especial na versão digital
Fonte: zerohora.com. Disponível em: <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-ultimos-desejos/>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 3, Maio. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

O especial digital é composto, portanto, de quatro textos que constituem uma reportagem do gênero diversional, uma vez que dá um tratamento diferenciado à informação, fazendo uso de recursos literários, privilegiando particularidades dos protagonistas e destacando traços que os humanizam. Evidentemente, por se tratar de conteúdo jornalístico, os textos primam pela verdade. Iremos, neste contexto, identificar o uso de estratégias argumentativas que visam imprimir efeitos de real e efeitos estéticos na narrativa.

O primeiro efeito de real que detectamos encontra-se na capa do especial (Figura 2) onde lemos: “Durante um ano, ZH acompanhou a rotina no Núcleo de Cuidados Paliativos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre para descobrir o que querem, no fim da vida, pacientes sem chance de cura”. Ao clicar no link “entrar”, acima deste texto de apresentação, o leitor é direcionado diretamente para a reportagem *O reencontro: a história de João Batista*, que é o texto de abertura, mais extenso que os demais e sem título (Figura 3) – ou seja, o título principal é *Últimos desejos*, conforme consta na página inicial.

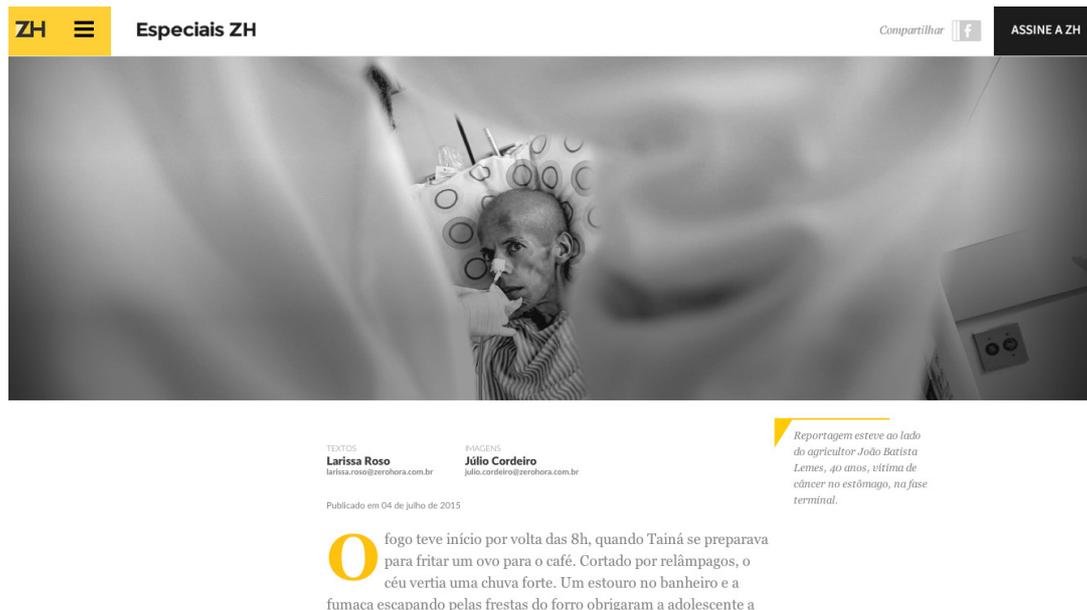


Figura 3: Texto principal da reportagem especial *Últimos desejos* (zerohora.com)
Fonte: zerohora.com. Disponível em: <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-ultimos-desejos/>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

Assim como no conteúdo da capa, em outros trechos da reportagem há indícios que demarcam a estada da repórter no local onde realizou a apuração das informações, junto aos pacientes e profissionais da saúde, reforçando o efeito de real.

Durante um ano, com o aval do Serviço de Bioética do Clínicas, Zero Hora acompanhou o cotidiano do Núcleo de Cuidados Paliativos, tendo acesso livre a pacientes, familiares e equipe assistencial. O objetivo era identificar as vontades e os sonhos, por mais singelos que fossem, de quem não dispõe de muito tempo pela frente. (T1, *online*)

Entrevistas e conversas informais com a reportagem, à beira do leito, revelaram pessoas cientes da piora gradual, doentes terminais ambicionando uma cura mágica e tecendo planos para a retomada da rotina como a conheciam antes do diagnóstico, pacientes negando as más notícias dos médicos, garantindo que Deus era o verdadeiro responsável pela decisão entre viver e morrer, ou se alternando entre o conformismo com o desfecho e a crença na melhora. (T1, *online*)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

Puxei os olhos do pai, ó – destacou João Batista, procurando a concordância da repórter. (T1, *online*)

Emergindo das lembranças, em uma conversa no hospital na véspera da morte de Vanilda, o aposentado retirou do bolso a carteira de identidade dela.

– Era muito bonita. Você olha para ela naquela cama e não diz que é a mesma pessoa – lastimou, mostrando o documento. – Agora só um milagre de Deus. Que Ele desça as mãos sobre ela. (T4, *online*)

Neste último exemplo (T4), fica subentendido que a “conversa no hospital” é com a repórter. Há, portanto, uma referenciação da presença da jornalista, com o intuito de endossar sua estada no local, deixando evidente sua proximidade com os personagens. Outros recursos que visam o efeito de real, a fim de que o leitor interprete a narrativa como verdade, são as citações diretas das falas dos personagens, com o uso de travessões, e os detalhes dos fatos e dos lugares vivenciados pela jornalista, bem como dos personagens, conforme os excertos abaixo:

O fogo teve início por volta das 8h, quando Tainá se preparava para fritar um ovo para o café. Cortado por relâmpagos, o céu vertia uma chuva forte. Um estouro no banheiro e a fumaça escapando pelas frestas do forro obrigaram a adolescente a correr para o pátio.

– Mãe! Vem aqui! A casa, mãe! Vem cá – gritou Tainá em desespero para os pais. (T1, *online*)

Habitado a bermudas e camisetas, Igor se encantou pela possibilidade de trajar paletó e gravata pela primeira vez. As alianças seriam aquelas que coubessem no orçamento – na impossibilidade da aquisição de joias, contentariam-se com bijuterias, priorizando o simbolismo. Mal refreando a empolgação, Igor espalhou a novidade acionando o botão para chamar auxílio nas trocas de turno da equipe assistencial.

– O que foi? Está sentindo dor? – questionava a enfermeira ao entrar.

– Eu vou casar! – ele exultava. (T2, *online*)

As referências a datas, horários, lugares e tempo, assim como os nomes completos dos personagens, geralmente acompanhados da idade, também são elementos testemunhais que reforçam os efeitos de real.

Em um caderno, Santa Enilda Miranda da Silva, 63 anos, listou os itens que a filha Karine deveria comprar no supermercado: arroz, feijão, azeite, bolacha, açúcar. Com as orientações para reabastecer a despensa, a idosa tentava retomar a rotina antes mesmo da alta, ansiosa por deixar o Hospital de Clínicas, onde estava internada havia seis meses. Cultivava aquele que costuma ser um dos desejos mais frequentes entre os convalescentes.

– Quero ir para casa – pediu repetidas vezes. (T3, *online*)

Santa morreu em 21 de fevereiro, sem nunca ter saído à rua depois de 193 dias restrita às dependências do Clínicas. (T3, *online*)

Vanilda não acordou mais. Faleceu por volta das 7h de 8 de maio, na companhia do marido e dos filhos. Linauro afagava o rosto da mulher no momento em que o ruído da respiração cessou. (T4, *online*)

Como em outras narrativas jornalísticas, o especial *Últimos desejos*, de ZH, se apropria de alguns atributos formais que são próprios do campo, como a apresentação de possibilidades de conflito e de fatos auxiliares, o que verificamos com maior ênfase no texto principal – *O reencontro: a história de João Batista* – onde, paralelo ao eixo norteador da história, do reencontro do paciente com seu pai, outros episódios são narrados e auxiliam o leitor a compreender melhor o personagem e o drama por ele vivido. Nos textos secundários intitulados *O casamento e a internação, O amigo e o irmão, O sol e o mar, O pai e o filho e O espírito e a porta*, a jornalista contextualiza a vida de João Batista, seu passado e estrutura familiar; além destes, há outros três textos menores intitulados *Os sonhos e a negação, A médica e o medo e O champanha e o caviar*, que discorrem sobre a rotina no setor hospitalar onde se

passa o momento atual da história e enfatizam o trabalho dos profissionais que lá atuam.

A apresentação destes conflitos e de fatos auxiliares não se dá de forma cronológica, demarcando o que Motta (2013) chama de *re-subjetivação* do discurso – ou seja, a necessidade de reconstrução das narrativas em sequência cronológica e compreensiva, com início, meio e fim, mesmo que em alguns momentos o leitor tenha de atualizar algumas informações, completando a história com o auxílio da memória. Todos os textos, porém, encerram do mesmo modo: com a morte do paciente. O que se apresenta antes do desfecho, contudo, é uma mescla de recursos de efeitos de real e de efeitos estéticos, sendo que estes últimos levam o leitor a interpretações subjetivas. Também nesta categoria, identificamos o uso de elementos que suscitam emoções, sensações e/ou sentimentos. Evidentemente, a temática abordada – pacientes em fase terminal, sem possibilidade de cura – potencializa esta função.

Com dores excruciantes e enjoo constante, ele não conseguiu se locomover até o cartório. Sob o torpor da morfina, assinou os papéis da união civil em casa, em 26 de dezembro. Em silêncio, esforçando-se para conter o mal-estar, torcia para que o juiz logo se despedisse. Vomitou assim que o visitante saiu. (T1, *online*)

Elisete, 44 anos, Tainá, 16, e Elaine, 13, haviam sido convidadas na noite da véspera para testemunhar o reencontro tão ansiado – a agricultora finalmente conheceria o sogro, e as adolescentes seriam apresentadas ao avô. Depois de mais de um mês sem ver o pai, ausente pelas internações, Elaine hesitou na porta do quarto.

– Está com medo? – perguntou Gislene.

– Sim.

– Quer que eu entre junto?

Elaine aceitou. Tainá tomou a frente. As duas já estavam chorando quando pararam à cabeceira da cama para cumprimentar o pai. (T1, *online*)

Ofegante, a voz rouca quase inaudível, Igor se despediu de Jaíne na manhã do domingo 7 de dezembro:

– Nunca esquece que eu te amo e te amarei para sempre.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

Ivone chegou pouco depois. Por telefone, ouviu a médica responsável pelo caso lamentar a irreversibilidade do quadro. A auxiliar de serviços gerais se desesperou:

– A senhora vai me desculpar, eu sei que a senhora é doutora, mas o meu filho já esteve um mês desacordado dentro da UTI e conseguiu sair. Eu estou vendo que ele está respirando ainda, ele vai viver! Para mim, ele está só dormindo. Ele tem vontade de viver. Ele está respirando!

Igor morreu ao final daquela noite, seis dias antes do casamento. Ao contratar os serviços da funerária, a mãe solicitou que o filho fosse enterrado de terno. (T2, *online*)

Ainda no âmbito dos efeitos estéticos, encontramos o recurso da humanização – característico de reportagens do gênero diversional ou literário –, por meio do qual os leitores se identificam e compreendem os dramas e tragédias humanas (MOTTA, 2013).

Do lar incinerado naquele 11 de novembro de 2013, entre todos os bens e papéis que compõem uma existência, um item seria para sempre irrecuperável: a única fotografia de Joracília Rodrigues dos Santos e Leovino Lemes, pais de João Batista, trajados com esmero para a celebração de um casamento. A imagem da mãe estava embaçada na memória do filho – falecera ainda muito moça, de infarto, quando ele tinha nove anos, deixando apenas fiapos de lembranças. De Leovino, um tipo miúdo de cabelo ruivo, sem estudo formal mas hábil na matemática, àquela altura o lavrador não tinha vestígio.

Ele e o pai haviam se perdido mais de duas décadas antes, quando João Batista escapou das privações na cidade de Segredo, região Centro-Serra, para tentar algum dinheiro em Farroupilha. Nunca mais tiveram qualquer contato. (T1, *online*)

Na construção humilde de duas peças no topo do Morro da Cruz, em Porto Alegre, Santa planejava voltar a reunir os filhos e os netos no entorno da mesa da cozinha, servindo-lhes o que de melhor sabia preparar – salada de maionese, carreteiro, batata com sardinha. O fastio provocado pela comida do hospital a inspirava a se deter nos pormenores do cardápio que marcaria o retorno.

– Uma salada de tomate e cebola bem feitinha – detalhou para Karine, recreacionista de 27 anos. (T3, *online*)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

Ainda quanto ao quesito da humanização, é instigante sublinhar que a abordagem se dá através da história de pessoas comuns, anônimas, que vivenciam situações semelhantes, cujo desfecho remete a uma experiência inerente a todos os seres humanos, a morte. Ou seja, há um fio condutor que aproxima os leitores da narrativa, independentemente de conhecerem ou não os personagens da reportagem. E é esta relação que nos leva a pontuar um último recurso, encontrado com muita ênfase em vários momentos do especial: o resgate do fundo moral ou metanarrativa da história (MOTTA, 2013).

Um ano após o incêndio, combatido pela evolução de um tumor no estômago com metástase intestinal, João Batista recorreu ao Facebook para tentar reatar, 23 anos depois, os laços desfeitos [com o pai]. (T1, *online*)

Nos relatos, o desejo mais comum era o de ficar bom e voltar para casa, dormir na própria cama, estar de novo entre os seus pertences. Outros anseios, revelados com força ou sutileza, incluíam afagar os gatos e os cachorros, botar uma cadeirinha no pátio para um chimarrão com a vizinha, rever irmãos, organizar uma festa de aniversário para a avó, dar banho e pentear o cabelo da filha, preparar uma massa à carbonara, comer bolo frito com café, assar um galetto, cuidar das folhagens, passear pelo corredor do hospital de cadeira de rodas. (T1, *online*)

Delirante nos últimos dias, a idosa acreditou, por instantes, já estar longe do Núcleo de Cuidados Paliativos, para onde foi transferida na etapa final do tratamento. Apontou o frigobar do quarto 975, confundindo-o com o fogão da cozinha de casa.

– Bitinha, pega a galinha no forno – ordenou a Sabrine.

Santa morreu em 21 de fevereiro, sem nunca ter saído à rua depois de 193 dias restrita às dependências do Clínicas. (T3, *online*)

Horas antes do falecimento, aproveitando uma rara ocasião em que ficou sozinho, Linauro encostou a cabeça no peito da mulher. Em voz alta, repassou a trajetória conjunta: recordou alegrias, desavenças, momentos de calma e percalços dos mais de 50 anos de convivência. Agradeceu pela devoção com que ela o alimentou e banhou depois de um acidente com fratura exposta que lhe deformou

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

o braço. Pediu perdão por faltas antigas, pelo tempo excessivo dedicado ao trabalho. (T4, *online*)

Os fragmentos acima, assim como outros tantos que poderiam ser reproduzidos, levam o leitor a refletir sobre a sua própria vida, sobre os dramas da morte, sobre fatos rotineiros que uma doença pode escamotear. Os recursos de linguagem de efeitos de real, neste caso, aparecem entremeados aos recursos de efeitos de sentido ou estéticos – a descrição das cenas e a citação da fala dos personagens, ao mesmo tempo que dão veracidade à narrativa, também comovem, incitam emoções fazem o leitor refletir sobre o fundo moral da reportagem.

Considerações finais

Com foco no conteúdo verbal da reportagem especial *Últimos desejos*, procuramos, por meio da análise pragmática proposta por Motta (2013), compreender de que modo as narrativas configuram os processos interativos entre os textos e a os leitores. A partir do entendimento de que as narrativas jornalísticas expressam um mundo fabricado, buscamos encontrar recursos de efeitos de real e de efeitos estéticos utilizados pela jornalista nos textos.

Percebemos a existência de uma intersecção entre estes – um indicativo de que a representação narrativa não é espelhamento, mas um processo de criação de realidades (LEAL, 2013, p. 35). Se a categorização da narrativa enquanto gênero não é suficiente para refletir acerca dos discursos jornalísticos, minimamente ela justifica algumas escolhas de elementos de linguagem. Neste caso, Larissa Rosso se apropriou de muitos elementos característicos da narrativa literária, como a descrição minuciosa de lugares, dos personagens e de suas vidas, as citações diretas com declarações sensíveis e emotivas – todos

pertinentes à narrativa de uma reportagem especial cujo tema são pacientes terminais sem chances de cura.

Sobre o uso de recursos estéticos, é importante ressaltar que eles não representam a criação de uma narrativa “não real” ou fictícia. Visam, sobretudo, fisgar o leitor, emocioná-lo. A jornalista, ao mesmo tempo que os emprega, faz menção, várias vezes, ao seu papel de testemunha, deixando claro que esteve no local onde se passam os fatos, interagindo com os pacientes. Percebemos nitidamente a intenção da autora em comover e chamar a atenção do leitor para o conflito principal da narrativa. O fundo moral – o valor da vida, a importância da saúde e da família, o drama da morte, com a qual todos os seres humanos um dia irão se deparar – é retomado diversas vezes. Estes recursos, no entanto, não dão à autora autoridade sobre as construções de sentido suscitadas no público. O escritor apenas instrui e orienta o leitor, porém, a (re)construção do real narrado não se dá apenas pelas ação do jornalista; ela “necessita do interlocutor, acontece e age sobre ele, de modo a envolvê-lo e gerar experiências e sentidos” (LEAL, 2013, p. 35). Depreendemos, assim, que a narrativa não é apenas uma modalidade textual, mas uma forma de apreender o mundo e dar sentido a ele (LEAL, 2013).

Referências

ANTUNES, Elton. Introdução. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 9-21.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 43-83.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

FONSECA, Virginia P. S. **Indústria de Notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular / UFSC, 2001.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23–41.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gênero opinativo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 95–108.

ROSSO, Larissa. **Últimos desejos**. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/especiais-zh/zh-ultimos-desejos/> > Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

_____. Últimos desejos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 5 de julho de 2015. Caderno principal, p. 26-35.

TRAQUINA, Nelson. **O que é o Jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2007.

VALLE, Flávio Pinto. A função do autor nas reportagens de Joe Sacco. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 3, Maio. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p261>

VAZ, Tyciane C. Viana. Gênero utilitário. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23–41.